

Ibope revela preferência por 4 anos

RIVALDO CHINEM

Três quartos da população querem que o presidente José Sarney governe apenas quatro anos. O maior instituto de pesquisa de opinião do País, o Ibope, ouviu cinco mil pessoas de ambos os sexos e diferentes classes sociais e localidades, distribuídas no campo e na cidade em 274 municípios brasileiros, e 75% dos entrevistados acham que o mandato de Sarney deve terminar em março de 1989.

Na Constituinte ainda não foi votado o mandato de Sarney. Mas o tempo dos próximos presidentes da República já foi decidido em plenário, será de cinco anos dentro do regime presidencialista.

No entanto, o povo também prefere quatro anos para os próximos presidentes. A população se manifestou ainda sobre o sistema de governo e escolheu o parlamentarismo, por achar que o poder deveria ser dividido entre o presidente da República e o Congresso, o que tam-

bém vai contra a decisão da Constituinte, que, por sinal, teve seu trabalho avaliado nesta pesquisa do Ibope: de "regular" (36%) a "péssimo" (25%).

A pergunta sobre o mandato do presidente Sarney foi feita nos seguintes termos: "O senhor acha que o mandato do presidente Sarney deve terminar em...", e a resposta foi: "Março de 89 (75%); março de 1990 (10%); março de 1991 (7%); e não sabe ou não opinou, 7%.

A maior incidência dos votos

pelos quatro anos de Sarney deu-se na classe mais alta (82%), com remuneração superior a dez salários mínimos. "Quanto mais alta é a renda, maior a rejeição", diz Orjan Olsen, diretor de pesquisa de opinião pública e política do Ibope.

Entre os que querem quatro anos para Sarney estão os moradores do Sul (81%) contra os do Norte (66%). E na faixa dos que não sabem ou que não opinaram, a maior parte se concentra no Nordeste (10%), região onde, segundo observa Olsen,

há menos participação da população.

A população não acha que o mandato de quatro anos deva ser exclusivo para Sarney, mas para todos os próximos presidentes da República. A pergunta foi formulada assim: "O senhor prefere que os próximos presidentes tenham um mandato de quatro, cinco ou seis anos?". Quatro anos disparou na frente: 67% optam pelos quatro; 14% pelos cinco; e 9% pelos seis anos.

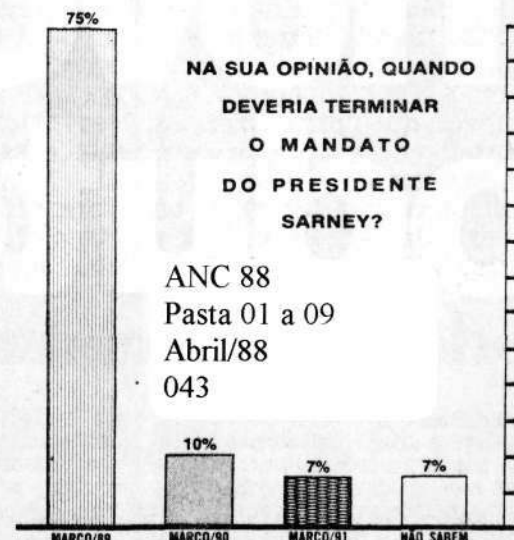
Em termos de região, a maior concentração dos que defendem quatro anos de mandato para os futuros presidentes está o Sul (72%) contra o mais baixo, que é o Norte (61%). O Nordeste também não fica atrás (65%), o que revela, segundo Olsen, uma identificação com o presidente José Sarney, que é nortista: "Sarney é o primeiro presidente nortista que o Brasil teve. Entre as classes mais pobres vigora muito a figura da autoridade, e Sarney apresenta exatamente essa autoridade".

Maioria acha Constituinte "regular"

O trabalho dos senadores e deputados na Constituinte é de "regular" (36%) a "péssimo" (25%). Poucos preferiram "bom" (13%) ou "ruim" (12%). Foi o que responderam as cinco mil pessoas pesquisadas pelo mesmo Ibope, na cidade e no campo. Entre os que acharam que o trabalho é "ótimo", apenas 3% dos entrevistados pensam desse jeito. Não sabem ou não opinaram 11%.

Em consequência desse tipo de posição, talvez para demonstrar que as decisões dos congressistas nem sempre representam o pensamento dos seus eleitores, a resposta a outra pergunta — "como o senhor classificaria o seu interesse na política?" — foi, em sua maioria, "nenhum interesse" (40%). Em segundo lugar, veio "pouco interesse" (25%); depois "interesse médio" (22%) e, enfim, "muito interesse" (11%).

O grau de interesse pela política está relacionado diretamente com o



grau de instrução das pessoas pesquisadas. Quanto maior é a escolaridade das pessoas mais interesse elas manifestam pela política. Entre as classes sociais menos privilegiadas, o interesse se manifestou de médio para fraco.

Em tese, os pobres teriam observações mais críticas, exatamente por sofrerem mais, por disporem de

menor condição de infra-estrutura para sobreviverem. Mas não é o que acontece.

Quando os pesquisadores do Ibope saem a campo não vão com questionários tentando descobrir das pessoas se optam pelo presidencialismo ou pelo parlamentarismo. Isso porque se a pergunta for dirigida desse modo é possível que as respostas sejam deturpadas já que a população não tem quase informações sobre o que seja sistema de governo. Então, o Ibope faz a pergunta assim: "Pensando no poder da Presidência da República e do Congresso Nacional na tomada de decisões para resolver os problemas nacionais o senhor diria que... E a maioria preferiu a "divisão de poder".

Presidência e Congresso deveriam ter o mesmo poder de decisão, de acordo com 40% dos entrevistados. Em segundo lugar, "A Presidência da República deve ter mais poder", com 35%, vindo depois "os senadores e deputados deveriam dispor de mais poder" (9%) e também "não sabem ou não opinaram" (16%). Ao contrário da preferência da população, a Constituinte votou pelo presidencialismo.

A teoria e a prática

GERALDO FORBES

Todos viram. A maioria da Assembleia Constituinte preferiu presidencialismo, com cinco anos. É assim provável que o sr. Sarney ainda fique outros dois anos. Isto se depois não vier ainda uma outra prorrogação, como já se fala de fazer com os prefeitos.

Muito bem. É que dizer, além de lamentar esse voto? Há ainda algo a ser dito, depois de todos esses dias de sábios comentários, na nossa desastrosa imprensa?

Há sim. Há ainda muito mais a ser dito. Há muita coisa que ninguém fala e que é preciso falar. Há muito o que analisar. Para registrar e contestar. Para saber e rejeitar.

Não seria preciso repetir aqui qual foi a idéia matriz que fez pender a eleição para os sarneistas. A frase lapidar do deputado Roberto diz tudo: "É dando que se recebe". A idéia não é, portanto, bem uma idéia. É mais um ato de comércio, de troca, de tráfico.

Como ainda vige no País uma certa hipocrisia difana, sobre a sem-vergonhice desnuda da baixa politicagem, era preciso, entretanto, arranjar um pretexto, uma teoria, que desse suporte à safadeza do voto de cabresto.

Em parênteses uma anotação: a maioria dos constituintes votou por cinco anos, mas os que assim fizeram representam uma bem desprezível minoria do eleitorado nacional. É a antipolítica. A violação da vontade popular e a imposição de uma regra pelos minoritários. Fecham-se parênteses.

Bem, a teoria exposta por vários "grandes" homens deste país — os chefes militares, os ministros, os constituintes, os governadores etc e tal — não teve nada de novo e foi usada tanto pelos covardes quanto pelos vendidos. É a teoria do Urutu. Os que têm medo de cobra, usam-na para passar por prudentes; os que se agarram nela, usam-na para não parecer indecentes.

O resto foram variações sobre o mesmo tema. Houve o valente industrial paulista que chegou pimpão em Brasília pedindo quatro anos e saiu do Forte Apache querendo cinco, de quatro. Houve a credulidade do dr. Ulysses,

e houve também sua fraqueza. Experiência, diriam os amigos. Tibieza, insiste a coluna.

Pois foi para ajudar os espíritos fracos e as bocas gulosas que se montou toda a palhaçada dos pronunciamentos militares. O bravo general Leônidas, como seu homônimo grego, um combatente acostumado à sombra, perorou sobre a inconveniência das eleições. Seu colega, o inafundável almirante Sabóia, adernou com seu mar grosso. E Sabóia, e a essa bôia. Jogo feito.

E diz-se palhaçada com todo o devido respeito, amparado pela afirmação peremptória do chefe do exército sarneico. Passada a refrega, o marechal Antônio Carlos Magalhães revelou, em entrevista ao seu evangelista oficial, que nunca houve ameaça militar. Donde foi tudo palhaçada.

Isto é que é um batano arretado. Ganha e ainda goza. Tripudia, com toda a razão, sobre os adversários e até sobre servidores. Nunca houve ameaça de golpe e não mente. Houve blefe e farsa e aceitou e recebeu quem quis. Parabéns, Toninho.

E se o sr. Antônio Carlos sabia isto, muito mais gente, todo mundo sabia isto. As Forças Armadas não sairiam, como jamais saíram, contra a vontade popular. E se o fizessem, voltariam, de rabo baixo, para seus quartéis. Na França, podem dizer que aqui tem cobra na rua. Mas a gente sabe que não tem. Agora, para quem quer assustar e ser assustado, tem de tudo — tem saci, tem lobisomem, tem mula sem cabeça, tem Geisel, tem coronel Rico, tem o diabo a quatro.

Seria, por isto, parcialmente injusto dizer que somos uma "banana-república". Não somos república. Somos apenas um cacho de bananas.

Somos um país em que o orçamento não é feito pela Câmara, mas pelo brigadeiro Camarinho. E gasto pela camarilha. Somos um país em que a elite (nem é correto esse termo, melhor dizer, os mandantes) em que os mandantes preferem a porcaria reconhecida, a qualquer evolução ou mudança. Somos um país em que os salváveis do PMDB, não têm coragem (com raras e honrosas exceções) de procurar novo rumo e fi-

cam todos engatinhando sem sair do lamaçal em que se transformou o seu partido. Vide Covas e Richa.

(Se o senador Fernando Henrique não está de acordo com a bandalheira, então que pare de ameaçar e saia de uma vez. O deputado José Serra, um dos melhores quadros políticos surgidos nos últimos anos, não pode mais hesitar. O PMDB é a new-Arena, com a indignidade adicional de ter como chefe em vez de um dos sargentões da ditadura, apenas o pífio coronel Sarney, senhor de rombuda ignorância e total despreparo. Dono, contudo, da caneta e do Centrão e do cacho).

Mas, voltando à teoria dos cinco anos (ou mais), a sua segunda parte, a primeira sendo a tal estabilidade das instituições, a segunda dizia que, alcançada a primeira, então, finalmente seguro, o dr. Sarney poderia governar e tomar as medidas que a situação crítica da economia requer.

Ridículo? Cômico? Evidente, mas esta foi a parte mais utilizada pelos brilhosos empresários das Fiesp e afins. E todos a fim. Uma prova que, na prática, a teoria é a prática. E segura at que lá vem prática.

O escândalo de Pinheiro (o berço do herói) é apenas uma amostra do que as práticas sabem fazer. Já se fala outra vez também de conversão a cem por cem. Afinal os amigos da oopa ficaram a pé, com a resistência de um ex-diretor do BC às safadezas que lá de cima lhe ordenavam.

Segura at. O betjo dos constituintes transformou o nosso Sarney de sapinho do brejal em príncipe do Brasil. O zotudo e sua corte, agosa sim, vão governar, como antes não podiam. Isto é o que diz a teoria. Na prática vocês podem imaginar o que a competência e a honestidade do Saulo, do Murad, do Aluísio Alves, do Zé Reinaldo, do Anibal Teixeira (desculpem, esse não, esse já está em cana) podem fazer por alguém se não forem atrapalhados.

Olhem, o sertão pode virar mar. Mar de ressaca.

E o Brasil no marasmo. Marasmo. Curupu. Corrupção. Nada de ressurreição.

Quando afinal virá a nossa Páscoa?